

O CONTO COMO INCENTIVO À FORMAÇÃO DE LEITORES. Juliana Reis do Amaral, Rosane Gazolla Alves Feitosa. – Letras - Departamento de Literatura - Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis.

Em 1972, em declaração da UNESCO, formula-se a “Carta do Livro” na qual a leitura passa a ser tida como um direito do homem a ser assegurado pelo Estado e o livro assume um caráter de instrumento educacional e ponte entre os homens e as diversas culturas. Faz-se necessário então a aplicação de políticas para a disseminação da leitura, que no Brasil tomaram fôlego a partir do fim da década de 1970, quando iniciam-se discussões sobre leitura com a realização de congressos e a criação de associações de leitura. O Estado inicia projetos de democratização do livro, subsidiando livros, criando o programa nacional do livro didático (PNLD), a Fundação do livro Infantil e juvenil (PNLIJ), salas de leitura e outros projetos que envolvem uma valorização da leitura.

O livro de literatura infantil é um dos instrumentos utilizados na escola para o desenvolvimento da leitura, essa conversão do livro literário em escolar colocou-o como base para a realização de exercícios de interpretação e compreensão associando à leitura literária a obrigatoriedade imposta na realização das tarefas escolares. Essa relação que se estabeleceu entre leitura e realização de tarefas também contamina o livro literário e contribui para o afastamento da leitura prazerosa e descompromissada.

Propomos então um trabalho que permita desvincular a leitura literária das tarefas realizadas corriqueiramente em sala de aula como: análises gramaticais e exercícios isolados de estrutura formal e interpretação que não inseridos em um contexto acabam por transformar o livro literário em simples objeto de análise de onde se pode extrair respostas simplistas para os exercícios propostos e conhecimentos prontos que devem ser repetidos para “passar de ano”. Dessa maneira, o texto perde seu caráter dialógico já que se impõem a ele uma única resposta não permitindo ao leitor estabelecer sentidos diferentes daquele proposto. Perde o texto literário seu grande diferencial: a pluralidade de significados.

Para tal intento está sendo utilizado o Conto infantil, que tem sua escolha justificada por apresentar estrutura simples (situação inicial - conflito – processo de solução- sucesso final), personagens com papéis bem definidos, por estabelecer uma ponte com contos orais de estrutura reiterativa o que permite o desenvolvimento da memória e da atenção e, também, por apresentarem textos enxutos que deixam muitas lacunas à serem preenchidas pela imaginação do leitor.

Esse projeto é uma ação didático-pedagógica realizada com alunos da 4ª série da EMEIF “Profª. Mafalda Salotti Bartholomei”, de Assis, com o intuito de apresentar contos infantis e, assim, incentivá-los a ler descomprometidamente de maneira a desenvolver o hábito.

A apresentação dos contos inicia-se com uma contextualização da história a ser lida: país de origem, o que se faz nesse país, onde ele fica, o que as pessoas fazem de diferente lá. Com base nas informações apresentadas, os alunos são estimulados a fazerem suas próprias perguntas ao texto, criando expectativas a serem confirmadas ao término da leitura. Essa apresentação é feita em roda de leitura assim como a leitura em voz alta para todos os alunos, os próprios alunos depois de algumas oficinas começaram a pedir para ler a história para os amigos.

A Segunda etapa do trabalho com o conto é a leitura silenciosa, individual, onde os alunos buscam respostas às perguntas formuladas por eles confirmando ou não suas expectativas.

São realizadas novas discussões sobre a história e os alunos são estimulados a estabelecerem relações com os outros contos lidos e a preencherem algumas fichas.

As fichas são trabalhadas coletiva e individualmente. Nas fichas de preenchimento individual as perguntas tem a intenção de estimular opiniões pessoais e a identificação de algumas estruturas do conto (personagens, espaço, tempo,...) que posteriormente serão discutidas em grupo no preenchimento de fichas coletivas que visam o diálogo e o desenvolvimento da capacidade crítica-argumentativa dos alunos como também a socialização dos mesmos.

Importante lembrar que a identificação das estruturas formais do texto torna-se importante na medida em que reafirmam a presença de uma unidade em relação ao modelo que estrutura a história. Por meio da explicitação dessas estruturas foi possível inserir conceitos de personagem, autor, narrador, contador, espaço e tempo desenvolvidos durante a exposição inicial do conto e seguindo a ordem do aparecimento de dúvidas.

Posteriormente alguns contos foram dramatizados em sala de aula, para tanto a única exigência que se fez aos alunos foi que representassem a história, sem a necessidade de repetir as falas dos personagens. Essa etapa do trabalho resultou na elaboração de diferentes textos e diálogos para uma mesma história e servirão de base para a elaboração de um texto a ser encenado por todos os alunos no fim do ano letivo.

Esse trabalho teve como resultado imediato: um aumento significativo na retirada de livros da sala de leitura da própria escola, que pode ser observado por meio da análise comparativa das fichas de retirada de livros; uma desinibição maior para a leitura em voz alta feita em sala de aula, o que nos leva a crer na maior segurança desses alunos em relação ao seu desempenho.

Também, gradativamente, ampliou-se o número de alunos que se interessavam por participar das discussões colocando a sua opinião em relação aos temas abordados nos contos, mesmo que essas opiniões ainda estejam pautadas naquilo que o aluno acredita ser o que o professor deseja ouvir, muitas são retomadas de discussões anteriores.

Deve ser ressaltado também que os alunos são convidados a participar das oficinas, que não são obrigatórias e não envolvem notas ou tarefas. A não imposição dos trabalhos desenvolvidos permitiu que as oficinas criassem um espaço de discussão permanente de contos e de representação de histórias desvinculado da obrigatoriedade das tarefas escolares e nem por isso com menor participação dos alunos.

As oficinas de leitura passaram a fornecer um ambiente onde a leitura literária é trabalhada por prazer, de maneira lúdica sem que se perdesse o caráter plurissignificativo, instigante e criativo da literatura.

Referências bibliográficas:

BAMBERGER, Richard. Como incentivar o hábito da leitura.. São Paulo:Cultrix, 1977. (Educação em ação)

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versini (org). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2ª ed. Belo Horizonte:Autêntica, 2001.

ZILBERMAN, Regina. Guia de leitura: para alunos de 1º e 2º graus. São Paulo:Editora Cortez, 1989. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 6)

Bolsa: Núcleo de ensino